

A história oral como ferramenta fundamental na reconstituição da história do rádio.

Lia Calabre - FCRB¹

A partir da década de 1990 começaram a surgir, com maior frequência, estudos sobre a história do rádio. Existem variados caminhos que podem ser tomados para a realização de estudos sobre a presença do rádio no Brasil. Entretanto, existe um “lugar” que me parece ser uma espécie de encruzilhada onde se cruzam, quase que obrigatoriamente, os diversos caminhos percorridos por estes estudos. Estou me referindo ao “lugar” ocupado pelos depoimentos, narrativas e memórias daqueles que pertenceram e/ou pertencem ao conjunto dos profissionais do rádio. Nesse momento, a História Oral se apresenta como uma alternativa metodológica orientadora do trabalho. A presente comunicação pretende apresentar a história oral como uma ferramenta metodológica fundamental para a recuperação da história do rádio no Brasil.

Palavras-chave: história oral; história do rádio; rádio.

A história oral como ferramenta fundamental na reconstituição da história do rádio.

Lia Calabre - FCRB

*Passeando presente dela
pelas ruas de Sevilha
imaginou injetar-se
lembranças, como vacina.*

*para quando fosse dali
poder voltar a habitá-las,
uma e outras, e duplamente,
a mulher, ruas e praças*

¹ Lia Calabre. Doutora em história pela UFF. Pesquisadora do setor de estudos de política cultural da Fundação Casa de Rui Barbosa. liacalabre@rb.gov.br

...

*Mas desconvivendo delas,
longe da vila e do corpo,
viu que a tela da lembrança
se foi puindo pouco a pouco*

...

*A lembrança foi perdendo
a trama exata tecida
até um sépia diluído
de fotografia antiga.*

*Mas o que perdeu de exato
da outra forma recupera:
que hoje qualquer coisa de uma
traz da outra sua atmosfera.*

(João Cabral de Melo Neto
“O Profissional de Memória”)

A expressão a “época de ouro do rádio brasileiro” é utilizada frequentemente como a síntese dos anos 1940 e 1950, de um modelo específico de radiodifusão. Era o tempo do rádio que mantinha os programas de auditório superlotados, os espetáculos das grandes orquestras das próprias emissoras, os programas de calouros que se tornaram a porta de entrada para a carreira radiofônica, as imbatíveis radionovelas, os grandes concursos da “Rainha do Rádio”, tudo recoberto por um toque de magia e encantamento. Era o rádio de um tempo completamente diferente, que se encontra gravado na memória daqueles que dele participaram.

Ao longo da década de 1990 os estudiosos das mais diversas áreas vêm redescobrendo as décadas de 1940 e 1950, sendo que com uma atenção especial à produção cultural deste período - tal fenômeno vem se dando tanto no Brasil como no exterior. Os

meios de comunicação de massa e suas personalidades têm presença significativa neste campo de estudos.

Existem variados caminhos que podem ser tomados para a realização de estudos sobre os meios de comunicação de massa. Entretanto, existe um “lugar” que me parece ser uma espécie de encruzilhada onde se cruzam, quase que obrigatoriamente, os diversos caminhos percorridos por estes estudos. Estou me referindo ao “lugar” ocupado pelos depoimentos, narrativas e memórias daqueles que pertenceram e/ou pertencem ao conjunto dos meios de comunicação de massa, em seus mais variados níveis, ou seja, desde os proprietários aos mais diversos grupos profissionais.

A recuperação dessa história dos meios de comunicação de massa, e, em especial, do rádio - que pouca atenção recebeu nos últimos trinta anos - pode vir a ser feita a partir da coleta dos depoimentos daqueles que vivenciaram as experiências radiofônicas, que conviveram de alguma forma com aqueles momentos ou até mesmo de uma segunda geração, relatando o que ouviu falar acerca do que ocorria, e, que se possa somar, a alguns relatos biográficos existentes.

Nesse momento, a História Oral se apresenta como uma alternativa metodológica orientadora do trabalho. É importante, logo de início, frisar que a ausência da utilização de uma metodologia adequada para o trabalho com relatos pessoais e memórias - sejam estes produzidos a partir da própria pesquisa ou de existência anterior a ela - termina por acarretar um mau aproveitamento das informações coletadas e, em alguns casos, a deformação (de parte ou do todo) da situação que se objetivava reconstituir.

História oral aqui é pensada como uma metodologia que:

... apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho - tais como os diversos tipos de entrevista e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho -, funcionando como uma ponte entre teoria e prática. (...) Mas, na área teórica, a história oral é capaz apenas de suscitar, jamais solucionar, questões; formula as perguntas, porém não pode oferecer as respostas.

(AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta. 1996, p. XVI)

O trabalho com os *mass media* tem sido feito, de forma geral, de maneira interdisciplinar, estabelecendo-se diálogos, buscando alternativas teórico-metodológicas, em diversas disciplinas tais como a antropologia, a sociologia, a linguística e a psicologia. Entretanto, na grande maioria das vezes, a história oral ainda se encontra ausente nesse campo de estudos.

A relação entre o campo de estudos da história dos meios de comunicação de massa e a história oral enquanto uma metodologia de trabalho precisa ser estabelecida, visto que os relatos pessoais (orais ou escritos) são sempre fonte de todos os trabalhos nesta área - sendo que em algumas vezes são a principal fonte, principalmente quando se trata do rádio.

Faz-se necessário a existência de orientações para a utilização de uma metodologia cuidadosa, tanto no processo de obtenção dos depoimentos, quanto no tratamento dispensado às informações contidas neles. Muitas vezes encontramos depoimentos individuais e isolados tomados como verdades absolutas, ou seja, sem uma maior preocupação com um cotejamento das informações prestadas com as de outros documentos, ou com a coleta de um grupo de depoimentos para que as informações possam ser cruzadas entre si.

Esta forma de trabalhar com fontes orais acaba não diferindo de uma visão ultrapassada da existência tanto de uma versão detentora da “verdade”, quanto de um grupo de “pessoas autorizadas” que a produzem. Tal fato se dá, principalmente, quando ao entrevistar um renomado radialista ou um ex-diretor de uma emissora radiofônica, o pesquisador toma este depoimento como o da autoridade no assunto e parte do princípio que os dados apresentados não precisam ser verificados, não necessitam ser referenciados à trajetória do próprio indivíduo que os forneceu. Uma das contribuições da história oral foi a da ampliação da concepção de depoentes autorizados, ou seja, segundo Paul Thompson, “o gravador tem permitido que a fala da gente comum – sua habilidade narrativa, por exemplo - seja, pela primeira vez, seriamente compreendida” (Thompson, 1992, p.41)

Cada depoimento deve ser tratado como uma versão sobre o acontecido. Isso não significa que se esteja retirando a importância das informações contidas no depoimento oral, pois como afirma Lutz Niethammer:

...la “entrevista de recuerdo” aporta realmente posibilidades para la reconstrucción de rutinas y modos de vida cotidianos, que en otro caso se tendrían que considerar historicamente como perdidos por falta de transmisión... (Niethammer, Lutz. 1989, p. 12)

É necessário reafirmar que não se pode separar no relato aquilo o real *stricto senso* da impressão pessoal. O processo de memória também depende do interesse individual do depoente que muitas vezes tem intenções claras no processo de registro do acontecido. Um depoimento pertencente a um indivíduo que alcançou a fama ou um posto de comando não perde sua dose de subjetividade, muito pelo contrário. Refletindo acerca da questão da subjetividade nos depoimentos Alessandro Portelli alerta para o fato de que

...recordar e contar já é interpretar. (...) Excluir ou exorcizar a subjetividade como se fosse somente uma fastidiosa interferência na objetividade factual do testemunho quer dizer, em última instância, torcer o significado próprio dos fatos narrados. (PORTELLI, Alessandro. 1996, pp.60-61)

Segundo Thompson a credibilidade das fontes orais é uma credibilidade diferente. Muitas vezes a importância de relato oral está no processo de construção simbólica do acontecido realizada pelo depoente. Para o autor:

A história não é apenas sobre eventos, ou estruturas, ou padrões de comportamento, mas também sobre como são eles vivenciados e lembrados na imaginação. E parte da história, aquilo que as pessoas imaginam que aconteceu, e também o que acreditam que poderia ter acontecido – sua imaginação de um passado alternativo e, pois, de um presente alternativo -, pode ser tão fundamental quanto aquilo que de fato aconteceu. (Thompson, 1992, p.41)

O fascínio do vivido, segundo Verena Alberti, é um dos principais fatores do sucesso acadêmico da história oral. As entrevistas de história oral “têm valor de documento, e sua interpretação tem a função de descobrir o que documentam” (Alberti,

2004, p. 19). A história oral privilegia a recuperação do vivido a partir das formas interpretativas e da reconstrução da memória de quem o viveu.

O processo de preparação da entrevista é uma etapa fundamental. O tema a ser trabalhado deve estar bem delimitado. O primeiro ponto do processo é o da preparação das informações básicas. Em geral, quanto mais se sabe mais se obtém informações históricas importantes. O entrevistador tem que ser um exímio ouvinte. As perguntas dêem ser diretas e de maneira mais simples possível. Não devem ser feitas perguntas com duplo sentido ou conter opiniões pré-concebidas. A entrevista de história oral não é uma conversa ou um diálogo. O que interessa nesse caso é que o informante fale.

Verena Alberti, em seu artigo “O lugar da história oral” arrola alguns dos campos de pesquisa em que a história oral ser útil. (Alberti, 2004, pp.23-27) Tendo como foco os estudos sobre o rádio podemos destacar três deles. O primeiro é o da história do cotidiano onde as entrevistas de história oral permitem reconstituir processos e práticas diárias que não se encontram registradas em outras fontes. As formas de ouvir rádio, as relações que se estabeleceram entre os ouvintes e o meio, a formação de novas práticas culturais são algumas das questões que podem ser regatadas através de tais estudos. O segundo seria a história das instituições, que nesse caso permite a reconstrução da composição dos funcionários, formas de funcionamento, construção da programação, conteúdo dos programas, além da própria estrutura da emissora, por exemplo. A terceira é a das biografias, a coleta de depoimentos pode auxiliar na reconstituição das trajetórias de vida que se deseje recuperar e estudar.

Pensando mais especificamente o caso do rádio, podemos perceber, através dos depoimentos já existentes, que os artistas que pertenceram ao mundo radiofônico dos anos 1930, 1940 e 1950, consideram que o ambiente de trabalho os transformava em uma grande família. Assim sendo, cada emissora formava uma diferente família e cada uma delas mantinha laços de parentesco ou de disputa entre si. Neste contexto, pode-se dizer que existe uma memória coletiva do rádio, da qual muitos artistas participaram e que, em muitos casos, se tornou uma mistura entre a vida privada de cada um e a vida de profissional de rádio.

Partindo para um exemplo bastante ilustrativo, podemos observar a partir dos relatos autobiográficos do ator, compositor e escritor Mário Lago - que se dedicou às

atividades radiofônicas ininterruptamente no período que foi de 1944 até o golpe militar de 1964 - , como a marcação do tempo de vida está estritamente ligado à da trajetória profissional.

Mário Lago escreveu (entre outros) dois livros de memória: **Na rolança do tempo e Bagaço de Beira-Estrada**. O escritor estabelece a narrativa a partir de um fio de sequência cronológica, mesclado de alguns “passeios” atemporais. Inicia com uma rápida narrativa da infância e da adolescência, passando rapidamente para as atividades profissionais. A partir das primeiras atuações no rádio, será a atividade profissional a base da narrativa, ficando tanto a vida particular como a militância política secundarizadas. O tempo na obra de Mário Lago é marcado pelo ingresso e saída das diversas emissoras de rádio (dele próprio e de outros colegas), pelas novelas que escreveu e pelas mudanças ocorridas nas direções das emissoras. É o tempo da narrativa que é diferente do tempo psicológico e biológico. No meio desse tempo da narrativa, Mário Lago se casa e nascem os seus filhos.

A maioria das pessoas que integrava o conjunto de emissoras de rádio das décadas de 1920 a de 1940 pertencem a um grupo considerado como o pioneiro no setor. O maior elemento de identificação entre as pessoas deste grupo é o fato de terem vivenciado e contribuído para a profissionalização do setor radiofônico, ou, melhor dizendo, para a criação das “fórmulas radiofônicas” que fizeram sucesso. Neste sentido a experiência “fundadora” do grupo é a experiência “fundadora” do próprio rádio. A biografia de Mário Lago é apenas uma, entre uma série de outras, onde trajetórias privada e a profissional se misturam, fazendo com que os homens existam enquanto referenciados pelo *media* e que a história deste último possa ser recuperada a partir do somatório de um conjunto de histórias individuais.

A reconstituição do cotidiano radiofônico - e a dos meios de comunicação de massa em geral - pode ser feita através da interpretação do conjunto das memórias individuais. Este procedimento permite-nos o resgate dos aspectos múltiplos que formavam aquele cotidiano, pois como afirma o sociólogo Maurice Halbwachs:

Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que esse ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu

ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com os outros meios. (Halbwachs, Maurice. 1990. p. 51)

Retomando o poema de João Cabral acreditamos que é preciso estar atento para o fato de que ao “desconviver” com um determinado cotidiano a “tela da lembrança” vai se “puindo pouco a pouco”. Isso significa dizer que mesmo aquele que deseja se tornar um “profissional de memória”, buscando congelar a realidade, ao se afastar poderá ser vítima dos ardis do ato de recordar. Entretanto, se o estudioso que trabalha com as memórias souber transitar por estes tortuosos caminhos e desvendar tais ardis, chegará ao local onde se trança o individual e o social, ou seja, segundo o poeta “mas o que perdeu de exato / da outra forma recupera / que hoje qualquer coisa de uma / traz da outra sua atmosfera”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**. Textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.
- AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (coordenadoras). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo,: Vértice, 1990.
- LAGO, Mário. **Na rolança do tempo**. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1976.
- _____. **Bagaço de Beira-Estrada**. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1977.
- LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. “Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea”. IN: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.) **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- NETO, João Cabral de Melo. “O Profissional da memória”. IN: **Museu de tudo**. Rio de Janeiro, José Olympio ed., 1976.
- NIETHAMMER, Lutz. “Para que serve la historia oral ?”. IN: **História y Fuente Oral**, n. 2, Barcelona, 1989.
- PORTELLI, Alessandro. “A filosofia e os fatos : Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais”. IN: **Tempo**. Vol. 1, n. 2, Dez. 1996 - Rio de Janeiro.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. História oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

